

PREFÁCIO

A publicação oficial conjunta das cartas estratigráficas das bacias sedimentares brasileiras pretende resgatar uma dívida antiga da PETROBRÁS para com a comunidade geológica. Interpretações estratigráficas baseadas quase que inteiramente em dados de subsuperfície, e portanto exclusivos da PETROBRÁS, são pela primeira vez estampadas de forma integrada, abrangente e harmônica.

A preocupação da PETROBRÁS com a apresentação padronizada das cartas estratigráficas das bacias sedimentares brasileiras levou à constituição, em 1987, de um Grupo de Trabalho coordenado pelos geólogos Antônio Manuel Ferreira de Figueiredo (Departamento de Exploração) e Jorge Carlos Della Fávera (Centro de Pesquisas) e formado pelos geólogos Carlos V. Beltrami, Ciro J. Appi Filho, Cleantho F. Vianna, Flávio J. Feijó, Francisco F. Lima Neto, Geraldo Andrade, Gerhard Beurlen, Guanahyro A. Aguiar, Hamilton D. Rangel, Humberto P. Lima, Jaime F. Eiras, Jeferson L. Dias, Jésus J. Oliveira, Joel C. Castro, José A. S. L. Brandão, José H. G. de Mello, Lenine D. C. Jobim, Lincoln R. Guardado, Márcio J. Pereira, Mário V. Caputo, Mauro B. Araújo, Paulo Tibana, Pedro V. Zalán, Roberto Pessoa e Sérgio Selke. Este grupo, trabalhando em tempo parcial, elaborou um conjunto de cartas estratigráficas provisórias, que tiveram largo uso na PETROBRÁS nos últimos anos. Estas cartas foram totalmente revistas, atualizadas e padronizadas em 1993, através da atuação de 43 geólogos e geofísicos da PETROBRÁS.

A caracterização das unidades litoestratigráficas obedeceu ao estabelecido no Código Brasileiro de Nomenclatura Estratigráfica (SBG, 1982). A distribuição das unidades ao longo de cada bacia foi obtida a partir de dados de subsuperfície, como poços e seções sísmicas. O posicionamento das rochas sedimentares no tempo geológico

se deu essencialmente a partir de seu conteúdo fossilífero, ou por correlação com dados sísmicos. A base bioestratigráfica foi desenvolvida por profissionais do Centro de Pesquisas da PETROBRÁS, coordenados por Gerhard Beurlen, e editada como álbum de circulação interna, na forma de biozonas de foraminíferos, nanofósseis, palinomorfos e ostracodes.

A integração estratigráfica de 29 bacias sedimentares permitiu a identificação de 329 unidades litoestratigráficas formais, a nível de grupo, formação e membro. A equivalência de muitas delas é evidente, mas preferiu-se manter a denominação consagrada pelo uso. Por exemplo, o pacote de folhelhos neocretáceos/terciários de talude e bacia, fisicamente contínuo do Amapá a Pelotas, é conhecido como formações Travosas, Ubarana, Calumbi, Urucutuca, Ubatuba, Marambaia e Imbé. A maioria dos geólogos da PETROBRÁS acredita que a unificação da designação destas unidades pelo nome mais antigo (Urucutuca) traria mais transtornos que benefícios.

Não existe a intenção de se estabelecer um panorama estratigráfico definitivo e imutável. Ao contrário, a atividade exploratória e explotatória incessante gera continuamente uma considerável quantidade de informações, que deverão ser incorporadas em versões futuras das cartas estratigráficas. Existe porém a tendência de se conferir doravante maior ênfase à estratigrafia de seqüências, em detrimento da litoestratigrafia clássica. Um primeiro passo neste sentido se verifica na Bacia de Campos, onde já estão definidas dezenas de unidades aloestratigráficas, que serão formalizadas em futuro próximo. Estas unidades servirão de ponto de partida para uma ampla caracterização de seqüências nas bacias brasileiras.

**COMITÊ EDITORIAL DO BOLETIM DE
GEOCIÊNCIAS DA PETROBRÁS**

v.8, n.1 - Editado em Fevereiro de 1995